



EUROPA / Polícia da Espanha prende três suspeitos de espancaram e assassinaram Samuel Luiz Muñiz, nascido no Brasil. Crime homofóbico provocou onda de protestos em todo o país. Premiê Pedro Sánchez classificou ato como "selvagem" e "cruel"

Sede de justiça por morte de jovem gay

» RODRIGO CRAVEIRO

O grito tem ecoado por várias cidades da Espanha, desde antontem: "Mataram Samuel por ser maricas". A revolta ante o "crime homofóbico" somou-se ao clamor pela justiça. Três suspeitos — dois homens e uma mulher entre 20 e 25 anos — de assassinarem o auxiliar de enfermagem de origem brasileira Samuel Luiz Muñiz, 24 anos, foram presos pela polícia de La Coruña (noroeste). O espancamento de Samuel, levado do Brasil para a Espanha quando tinha 1 ano, foi registrado por várias câmeras de segurança, no lado de fora da boate Playa Club, na madrugada do último sábado. "A investigação continua aberta até o total esclarecimento dos fatos. Não se descartam mais prisões nas próximas horas", escreveu a polícia espanhola na sua conta do Twitter. As autoridades suspeitam de que pelo menos sete pessoas participaram diretamente do assassinato. Na noite de segunda-feira, o primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, disse esperar que a investigação da polícia encontre os autores e esclareça os fatos. "Foi um ato



Revolta nas redes sociais

A morte de Samuel repercutiu com clamores de justiça no Twitter. Internautas viralizaram a hashtag "#JusticiaParaSamuel". Memes com a imagem do brasileiro foram usados como atos de protesto. Em um deles, a face de Samuel aparece sobre o arco-íris, símbolo LGBTQIAP+, com a frase: "Bicha não deveria ser o último a se escutar antes de morrer" (foto). O cantor portorriquenho Ricky Martin uniu-se ao apelo por justiça. "Digam o seu nome: Samuel Luiz Muñiz", escreveu no Instagram. O cantor espanhol Alejandro Sanz deu uma forte declaração no Twitter. "O fato de a orientação sexual de Samuel nos preocupar mais do que o instinto criminoso dos assassinos diz muito sobre o quanto estamos f...".

selvagem e cruel. Não vamos dar um passo atrás em direitos e em liberdades. A Espanha não vai tolerar isso", avisou, por meio do Twitter.

Samuel provavelmente não imaginou que a frase pronunciada pelo agressor, naquele sábado, seria uma sentença de morte. "Pare de gravar ou eu te mato, maricas", afirmou um homem. Por volta das 2h (21h de sexta-feira em Brasília), ele e uma amiga identificada como Lina usavam o celular para fazer uma videochamada com a namorada da garota quando Samuel foi interpelado pelo agressor. "Maricas de quê?", respondeu Samuel, antes de levar um primeiro soco. Depois de ser ajudado por outro rapaz, o enfermeiro foi surpreendido pelo mesmo agressor, dessa vez acompanhado de 12 pessoas. "Bicha de m...!", um deles gritava. Samuel não resistiu à sessão de tortura e morreu no hospital.

Maxsoud Luiz, pai de Samuel, escreveu uma mensagem sobre o filho, em um cartaz, e a colocou em um memorial em frente à Playa Club. "Eles nos tiraram a única luz que iluminava a nossa vida. Sabemos que temos um caminho muito longo a percorrer.

Reprodução



A morte de Samuel Luiz Muñiz (E) desatou uma onda de protestos contra a homofobia e a violência em várias cidades da Espanha (D)

Rubén Pillo/Divulgação



Estaremos apoiados em nossos familiares, amigos e companheiros que nos ajudarão a sairmos deste caminho obscuro. (...) Não à violência", desabafou.

A auxiliar de enfermagem María Rodríguez Barríos, 51 anos, e Samuel foram colegas por três anos na Real Institución Benéfico Social Padre Rubino, um lar de idosos situado em La Coruña. "Ele era um menino exemplar. Todos nós gostávamos de Samuel. Como mãe, espero que haja justiça. Eles mataram Samu. E isso

nos deixa um vazio muito grande", desabafou ao Correio. "Eu espero que a Justiça seja justa. Samuel não voltará. E vamos sentir falta dele. Todos nós."

Rubén Pillo, 22, também conhecido pelo nome artístico de *Kil Babi*, conhecia Samuel havia alguns anos. "Ele integrava um grupo de amigos. Era uma pessoa muito boa, sempre buscava evitar conflitos. Não fazia mal a ninguém, e apenas queria simplesmente ser feliz", disse à reportagem. Ele disse não ter dúvidas de que o brasileiro foi as-

assinado por sua orientação sexual. "Infelizmente, não é brincadeira, a homofobia mata", comentou.

O amigo espera que todos os agressores de Samuel sejam colocados atrás das grades. "Eu creio na justiça, ainda que em casos assim ela não exista. Para tanto, Samuel teria que voltar, e isso é impossível. Quero que os assassinos peguem a maior pena possível e não saiam livres dentro de cinco anos. Que passem a vida na prisão", acrescentou *Kil Babi*.

Andreas Solaro/AFP



Freira diante do Hospital Gemelli, onde Francisco está internado desde domingo

Após cirurgia, papa começa a andar

Depois de uma cirurgia no cólon, à qual foi submetido no domingo, o papa Francisco tomou café da manhã, leu jornais e começou a caminhar aos poucos, informou o Vaticano. Francisco, 84 anos, "descansou bem durante a noite e, esta manhã, tomou seu café da manhã, leu alguns jornais e se levantou para caminhar", relata a nota, acrescentando que os resultados dos exames feitos no sumo pontífice "são bons".

O papa passou por uma "colectomia esquerda" (remoção de uma parte do cólon), explicou o Vaticano na segunda-feira, ao informar que a cirurgia es-

tava programada para curar uma estenose diverticular sintomática do cólon. "Ele permanecerá internado (no Hospital Gemelli, em Roma) por uma semana, a menos que haja complicações", disseram as mesmas fontes.

De acordo com a mídia italiana, os cirurgiões que operaram o papa no domingo fizeram uma laparoscopia. O procedimento permite trabalhar na região do abdome, graças a pequena incisão. A presença de cicatriz de uma operação anterior na mesma área obrigou os médicos a mudarem de técnica. Com isso, recorreu-se a uma cirurgia tradi-

cional, mais invasiva e com período mais longo de recuperação.

Não foi necessário recorrer à colostomia, que consiste em abrir o cólon, artificialmente, para que as fezes sejam evacuadas em uma bolsa. O papa também não teve febre após a intervenção, segundo as mesmas fontes.

O pontífice suspendeu as audiências gerais das quartas-feiras durante o mês de julho e não tem encontros programados na agenda oficial até domingo, quando deverá aparecer na varanda do palácio pontifício — ou da janela do hospital — para a oração do Anjelo.

FESTIVAL DE CANNES

Spike Lee denuncia governos de "gângsteres"

A tradicional entrevista que antecede a abertura do Festival de Cannes, na França, ganhou, ontem, fortes contornos políticos. Em suas primeiras declarações como presidente do júri, o cineasta americano Spike Lee criticou nominalmente os presidentes do Brasil, Jair Bolsonaro, e da Rússia, Vladimir Putin, além do ex-presidente dos EUA Donald Trump, ao comentar que o "mundo é governado por gângsters".

"Este mundo é governado por gângsters. O agente laranja (referência a Trump), aquele cara no Brasil (Bolsonaro) e Putin são gângsters. Sem moral, sem escrúpulos. É o mundo em que vivemos", assinalou o premiado diretor. Primeiro afro-americano a presidir a competição, este ano em sua 74ª edição (em 2020, por conta da pandemia, não houve festival), Lee também deplorou a brutalidade contra os negros na América.

Para o cineasta, de 64 anos, cabe ao

júri de Cannes não apenas ser "crítico dos filmes, mas do mundo e dos gângsters". Ele mencionou ter exibido no festival, em 1989, o filme *Faça a coisa certa*, sobre a violência contra os negros nos Estados Unidos. "Quando vemos como o irmão Eric Garner e o rei George Floyd foram mortos, linchados... podemos pensar que depois de 30 malditos anos, os negros poderiam parar de ser caçados como animais", enfatizou.

Pandemia no Brasil

Spike Lee não foi o único a associar o cinema à militância: os demais membros do júri também usaram da palavra para fazer o mesmo. O diretor brasileiro Kleber Mendonça Filho lembrou a pandemia que vive o país, com mais de meio milhão de mortes em decorrência da covid-19. "Segundo dados técnicos,



O agente laranja (referência a Trump), aquele cara no Brasil (Bolsonaro) e Putin são gângsters. Sem moral, sem escrúpulos. É o mundo em que vivemos"

Spike Lee, diretor americano e presidente do júri

se o governo tivesse feito a coisa certa, 350 mil vidas teriam sido salvas".

Mendonça Filho lamentou também o "fechamento há mais de um ano da cinemateca brasileira, com 90 mil títulos (...) e todos os técnicos e especialistas demitidos". Para ele, trata-se de um movimento com objetivo definido. "É uma forma muito clara de reprimir a cultura e o cinema", denunciou o brasileiro, que considera que "uma das

Rubén Pillo/Divulgação



formas de resistir é passar a informação e falar sobre ela".

Já as mulheres do júri, que são a maioria, exigiram mais igualdade na indústria. "Mesmo dentro de uma cultura tão masculina, fazemos filmes diferentes, explicamos as histórias de uma outra maneira", observou a atriz americana Maggie Gyllenhaal, na expectativa de como o festival transcorrerá este ano com

cinco mulheres entre os nove jurados: "Vamos ver o que acontece."

O musical *Annette*, estrelado por Adam Driver e Marion Cotillard, abriu o festival. Um total de 24 filmes, muitos deles dirigidos por cineastas consagrados como Nanni Moretti, Wes Anderson, Paul Verhoeven e Ashgar Farhadi, disputam a Palma de Ouro, que na última edição foi entregue ao sul-coreano *Parasita*.